

DIMENSÃO HISTÓRICA DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO

por GILVAL MOSCA FROELICH

Não é possível fazer-se história do pensamento econômico simplesmente a partir de uma análise teórico-comparativa envolvendo conceitos econômicos relevantes para diferentes escolas em diferentes épocas, sob pena de se perder o contato com a história do pensamento econômico propriamente dita, com os elementos de caráter político-ideológico e, mais grave ainda, com a própria história.

Ao analisar o significado das idéias neo-clássicas surgidas no início da década de 70 do século passado - especialmente através das obras de Jevons e Menger, ambas de 1871 - alguns autores, como Dobb (e, com ele, o professor Vito Antônio Letizia) consideram-nas uma reação ao pensamento clássico e não ao pensamento marxista: "Jevons completou a reação contra Ricardo (obs.minha: reação essa cujo ponto alto fora, segundo o próprio Dobb, a obra de Stuart Mill)... e se bem que Menger seja mais representativo desse corte com a tradição clássica, Jevons tinha aparentemente uma consciência mais clara do seu papel na reorientação do "carro da ciência econômica" (as aspas são dele) que Ricardo dirigira tão perversamente "num mau sentido" (as aspas são dele, novamente). O facto de a sua obra ter sido publicada poucos anos após o primeiro volume de *Das Kapital*, pode levar-nos a considerá-la como uma réplica directa ao livro de Marx, inspirada pela contemplação dessa descendência tardia de Ricardo... No entanto, não há prova de que Jevons tenha tido essa intenção consciente, ou mesmo, que tenha tido conhecimento da obra de Marx: uma vez que esta última fora publicada em Hamburgo e era relativamente desconhecida, é muito pouco natural que Jevons tenha tido oportunidade de a ler, e de qualquer modo as idéias fundamentais de Jevons datavam de pelo menos dez anos antes... (Maurice Dobb, *Teorias do Valor e Distribuição de Renda desde Adam Smith*, Ed. Presença/Livraria Martins Fontes, pgs. 211-212).

Jevons pode até não ter sido influenciado diretamente por "O Capital" de Marx. Mas obviamente conhecia ao menos algumas de suas obras anteriores, tanto as primeiras, de natureza filosófica e política, como as posteriores, de natureza econômica (a *Crítica da Economia Política* é de 1859), porque eles foram contemporâneos (Jevons era 17 anos mais moço que Marx, mas morreu jovem, um ano antes dele, com 47 anos).

E Jevons era um membro da burguesia, classe da qual Marx era um severo crítico, inclusive em seus artigos de jornal, onde sistematicamente adotava o ponto de vista dos operários.

Isto é: Jevons sabia que era praticamente impossível enfrentar Marx no campo da economia política, razão pela qual era indispensável criar outro campo econômico.

Menger seguiu o mesmo caminho de Jevons, mas na Alemanha, diferentemente da Inglaterra, houve reações contrárias, a ponto de surgir uma escola histórica que tentava corrigir o caráter ahistórico do pensamento neo-clássico.

A posição do professor Vito fica substancialmente enfraquecida quando submetida ao critério histórico em si, porque entre os clássicos e os neo-clássicos está Marx. Quem acredita que a resposta neo-clássica foi dada aos clássicos de certa forma considera Marx, um clássico, pensando tão somente na pseudo-unidade representada pelo valor-trabalho. É verdade que Marx partiu de Ricardo, mas a TVT marxista é de outra natureza. Porque, ao contrário da ricardiana, ela é anti-capitalista, anti-liberal. A obra de Marx não se restringe ao valor-trabalho, porque muito mais importante que a questão do valor é a questão da mais-valia, da exploração, verdadeiro divisor de águas entre os pensamentos marxista e clássico.

Além disso, o pensamento marxista possui uma dimensão político-ideológica completamente diferente da ricardiana, porque sua crítica do capitalismo está dirigida à classe burguesa, justamente aquela que Ricardo tanto defendeu, preferido concentrar críticas no proprietário de terras. Enfim, Marx é socialista, Ricardo capitalista. Não pode haver unidade entre suas respectivas TVT's, porque embora o trabalho seja a variável-chave de ambas, na marxista ela tem uma dimensão social, porque está conectada à classe trabalhadora, enquanto na ricardiana é meramente operacional.

Em outras palavras, o método marxista, além de abstrato, é histórico (o que significa materialista-dialético), enquanto o ricardiano é puramente abstrato, ahistórico. Ao avaliar o alcance da obra de Ricardo, Denis assim se expressa:

"...Ricardo, apesar do seu gênio, dos progressos que conseguiu realizar na análise econômica, não foi capaz de compreender a verdadeira natureza do modo de produção capitalista. Isso deve-se ao facto de que, como Smith, considera as leis econômicas como leis naturais de um alcance universal. Também ele, ao negar a história, adota o ponto de vista materialista da filosofia utilitarista. E eis porque a sua economia política se vai integrar facilmente nesta filosofia, de que se tornará, na primeira metade do século XIX, o mais firme sustentáculo" (Henry Denis, *História do Pensamento Econômico*, Livros Horizonte, pg. 351).

Estou convencido de que o pensamento clássico priorizou o trabalho na explicação do valor, mas conviveu perfeitamente com a perspectiva utilitarista, de Smith a Mill.

Antes de adotar o trabalho como explicação fundamental do valor de troca Smith atribuía enorme importância à utilidade: "Smith, após haver confirmado na utilidade, no sentido humeano, o fundamento da moralidade... individualiza uma zona de proceder humano na qual um comportamento correspondente ao objetivo egoísta justifica-se tomando por base o próprio princípio da utilidade: trata-se da esfera na qual ocorrem a formação e o desenvolvimento da riqueza, já que, quando um indivíduo se esforça por conseguir a maior vantagem pessoal na troca, vai mais além de sua própria vontade, de tal sorte que seja máxima a disponibilidade de bens para todos" (Adam Smith, *Teoria dos Sentimentos* Moraes, citação feita por Cláudio Napoleoni em Smith, Ricardo, Marx, Ed. Graal, pg. 46). Aqui a riqueza é função da utilidade, não do trabalho, que se tornará posteriormente a explicação básica da riqueza das nações.

Stuart Mill, por seu turno, conseguiu a proeza de estabelecer uma teoria que considera simultaneamente trabalho e utilidade como causas do valor, produzindo assim uma estranha síntese clássico-utilitarista, aparentemente impossível aos olhos dos que enxergam forte contradição entre os dois pensamentos.

Lowe, ao estudar a fase "neoclássica" (aspas dele), dentro do que ele chama de capitalismo industrial do "laissez-faire" (aspas dele, novamente), considera que: "Não existe uma ruptura acentuada separando o estágio clássico do neoclássico. Isso vale tanto para a sequência histórica dos acontecimentos como para o desenvolvimento teórico refletido em Mill, os primeiros marginalistas, Marshall e a escola de Lausanne". E mais adiante:

"...aos traços básicos da teoria do mercado que recebeu de seus precursores clássicos a economia neoclássica praticamente nada acrescentou" (Adolph Lowe, *A ciência da Economia Política*, Zahar Ed. pgs. 87-88).

Furtado é ainda mais certo a este respeito: "É comum supor que a diferença básica entre (o) pensamento neoclássico e o dos clássicos está na "teoria do valor" (aspas dele), contrapondo-se o ponto de vista "psicológico" (aspas dele, novamente), dos adeptos da teoria da utilidade marginal, ao "objetivo" (aspas dele) dos seguidores da teoria do valor-trabalho. Entretanto, não existe incompatibilidade entre o pensamento dos clássicos e uma teoria do valor de tipo psicológico, tanto mais que a psicologia hedonística foi comum ao pensamento das duas escolas" (Celso Furtado, *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*, Cia. Editora Nacional, pg. 42).

Certamente existem contradições entre os pensamentos clássico e neo-clássico, só que elas se localizam não tanto no plano econômico mas muito mais no político-ideológico, talvez porque os pensamentos se situam em diferentes momentos do desenvolvimento capitalista, o clássico na fase revolucionária e o neo-clássico no apogeu do sistema, fase caracterizada por forte resistência a mudanças e por apologia do capitalismo.

No plano econômico há diferenças, é claro. Aqui a TVT, lá a TVU; aqui a oferta, a produção, lá a demanda, o consumo. Cada escola prioriza, no fundo, uma das pontas da economia, só que elas acabam se complementando e de certa forma sintetizam-se no pensamento de Keynes, Kalecki e Schumpeter. Para os neo-clássicos o grande problema da TVT ricardiana é que ela transformou-se em arma do proletariado para criticar o capitalismo. E não estou falando de Marx, mas de pós-ricardianos, como suas por exemplo Hodgskin, apenas um trabalhista. Assim, as críticas de Jevons a Ricardo centram-se preferencialmente em sua teoria da repartição e, por extensão, dirigem-se também aos socialistas. Para Jevons "... não existe princípio natural e em todos os casos nenhum princípio único e simples na base do qual a divisão (do rendimento nacional) possa ser efetuada. Não estando determinada nenhuma parte, cada um deve reclamar o máximo do que tem a sorte de obter e deve contentar-se com o que consegue alcançar". E mais adiante:

"O conflito que se supõe entre o capital e o trabalho é imaginário. O conflito real é entre os produtores e os consumidores" (William Stanley Jevons, *As relações do Estado e do mundo do trabalho*, Londres, 1882, citado por Henry Denis, op. cit., pg. 522).

Walras segue a mesma linha do companheiro inglês: "Já em 1860 publicara (Leon Walras, observação minha) uma obra contra Proudhon afirmando a sua fé nas virtudes da livre concorrência. E com vistas a arruinar definitivamente os argumentos dos socialistas que empreende construir um novo sistema de interpretação" (citado por Henry Denis, op. cit., pg. 523).

É interessante observar que Marx também polemizou com Proudhon, anteriormente, porém exatamente na outra ponta, mostrando que por trás da troca estão o trabalho e, principalmente, a exploração.

O próprio Dobb admite o confronto entre as idéias neo-clássica e marxista: "Em oposição a esta forma (marxista, observação minha) de abordar a questão, a metodologia introduzida pela "revolução jevoniana" (a ênfase é dele) e mais sistematicamente formulada por Menger e pela "escola austríaca" (aspas dele) procurou deduzir uma explicação do valor de troca das atitudes dos consumidores individuais para com os bens como valores de uso que proporcionam a satisfação das necessidades individuais" (Maurice Dobb, op. cit., pg. 48).

Finalizando, gostaria de ressaltar que não sou partidário da postura que considera o pensamento neo-clássico do início dos anos 70 do século XIX como uma conspiração político-ideológica da burguesia contra o marxismo (a idéia de que os livros de Jevons e Menger teriam sido "encomendados" pela classe burguesa baseia-se na incrível semelhança existente entre os dois), até porque entendo que não há forma de prová-la. Creio, no entanto, que o pensamento neo-clássico representa, conscientemente ou não, uma fortíssima reação ao pensamento marxista e socialista, significando o prevalecimento, dentro do pensamento clássico, da componente individualista (utilidade) sobre a componente social (trabalho) e edificando uma teoria que passa a priorizar o consumo, a demanda, o indivíduo, para tanto valendo-se do poderoso instrumental matemático disponível, fruto do desenvolvimento científico da época.

Se Marx não tivesse existido a passagem do pensamento clássico ao neo-clássico seria tão tranquila como a passagem do pensamento neo-clássico ao keynesiano (Keynes foi certamente mais cuidadoso que Jevons na preservação da unidade ideológica entre as duas

escolas no momento da substituição de uma por outra). Marx e os socialistas transformaram a TVT em arma que poderia ser utilizada pelo proletariado contra a

burguesia (o que não era admissível no pensamento clássico, porque lá a contradição principal era entre capitalistas e proprietários de terras, lá a figura central era a burguesia, não o proletariado). É o pensamento neo-clássico, ao construir a TVU, escondeu a exploração, reduziu o trabalho a fator de produção e, finalmente, eliminou o caráter social da economia, transformando a Economia Política em Ciência Econômica.

Quem focaliza a história econômica priorizando a luta de classes como principal elemento responsável por seu movimento, não pode fazer história do pensamento econômico estabelecendo o sentido do pensamento neo-clássico através de uma suposta ruptura conceitual da TVU com a TVT, porque acabará aprisionado na camisa-de-força dos modelos criados pela teoria econômica - no caso os modelos neo-clássico e clássico, que abrigam TVU e TVT, respectivamente - porque eles são o resultado de uma abstração perversa, que pode levar a teoria a desprender-se da história.